

«A Terra» na Comuna

GRANDES INTERPRETAÇÕES

EM TEXTO FORTE DE ABEL NEVES

FÁTIMA LOPES

A Comuna estreia na próxima quarta-feira o espectáculo «Terra» de Abel Neves, no âmbito do Festival Internacional de Teatro.

«Terra» é um texto denso, não assentando tanto na narrativa, mas, sobretudo, num universo de sensações, de concepções e acima de tudo, de vivências. «Terra» evoca um flagelo — a peste — que se começou a fazer sentir a partir do século XI e marcou profundamente não só a estruturação da sociedade humana, mas também as suas concepções do mundo e do homem. A ideia, sem dúvida apressada, de que a Idade Média constituiu um período de trevas, não está de forma alguma desvinculada dos efeitos incontroláveis da peste.

Abel Neves junta homens de classes sociais diferentes e com noções da vida muitas vezes divergentes. Eles estão juntos no mesmo barco. Não há condição social que lhes valha, não há arrependimento que os ajude. A miséria, a fome, o



Rita Salema, Cucha Carvalheiro e Paulo Ferreira num momento do fortíssimo espectáculo de Abel Neves.

quer isto dizer que os personagens se alienem da sua racionalidade. Significa, sim, que quando está em causa a própria vida, não há Bíblia nem crenças que permençam de pé. Aí parece que tudo se esvai, ficando o homem despido da sua pele civilizacional e do seu

está associado ao bem-estar da alma. Desconhece-se o Além, mas conhece-se muito bem o terror da morte. A personagem do coveiro (Alfredo Brissos), a quem chamam corvo, e da parteira

(Manuela Couto) põem a nu a fragilidade dos limites entre a vida e a morte.

O padre (Jorge Estreia) torna-se uma figura vazia, um fraco interlocutor entre os homens e Deus. Mas no

meio da miséria há aqueles, como Tomás Cara-de-Nabo (Paulo Ferreira) que preferem caminhar um pouco sós, a morrer acompanhados.

«Terra» é um espectáculo que «tresanda» humanidade. É corpo e alma. São homens, não são personagens. A maquilhagem dos seus rostos reflecte a sua própria interioridade. Dos seus cabelos não resta quase nada. Os crânios deterioraram-se. São agora uma chaga. E da metamorfose física vem a perturbação mental. Os homens esperam deitados, enganados pelo sono ou pela morte, à luz do que esperam seja um novo dia.

«Terra» é uma nascente de sensações, de tacto e quase de odores. Torna-se irresistível, no fim do espectáculo, pisar o chão — feito de uma matéria esponjosa — onde os actores se moverão. É um fetiche, mas os homens criam-nos para depois os poder viver.

Se Abel Neves produz um texto forte, os actores fazem questão de o criar enquanto tal.

medo do flagelo e igual para todos. Juntos procuram chegar a um lugar — que não sabem definir porque não tem contornos nem formas precisas —, onde a peste seja lembrada apenas como um pesadelo. É extremamente interessante verificar como o mundo no qual cada um dos personagens sempre existiu se desmorona, transformando-se em pura nostalgia. Sentimos o passado exactamente como tal. A verdade crua do momento presente não alimenta divagações. Estes homens já não são o fruto das imposições culturais, das regras, da civilização, mas sim o espelho de um retorno à sua condição animal, onde a sobrevivência monopoliza as razões da existência. Não

à sua animalidade. Peste é sinónimo de morte e a procura da sua proveniência acarreta a corrupção das leis divinas e humanas. Por isso os personagens «querem acreditar que ainda acreditam» — passo a redundância — em Deus. Só que esta crença revela-se impotente ou desinteressada em resolver-lhes um problema terreno.

Daí o entusiasmo que desperta a chegada do Físico, ao qual chama mestre. A Ciência ainda inexistente enquanto tal parece querer lançar aqui as suas primeiras sementes. O saber do mestre pode dar ao homem a felicidade terrena, isto numa concepção segundo a qual o bem-estar do corpo



*As
personagens
confundem
o sono com
a morte*

TERÇA-FEIRA, 20 8